



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

APRENDENDO A *SER MAIS* COM UM SERTÃO EDUCADOR

Rodrigo da Silva Barros
Graduando em Pedagogia – UFRN
Elayne Karina Peres Batista
Mestranda em Educação – UFRN

Resumo

Compreender a educação como um movimento é compreender cada momento, cada vivência, cada sopro de vida como uma fonte de aprendizagem, como uma fonte que educa. É nesta proposição que partimos para o sertão e iniciamos uma pesquisa. No esforço coletivo de dar-se conta de si no mundo, o presente trabalho expõe os resultados iniciais de uma pesquisa bibliográfica que objetiva descrever a possibilidade de *ser mais* com o sertão educador. Para isso nos debruçamos nos escritos de Freire (2005) buscando um melhor entendimento do significado de “ser mais” e nas teorizações de Ferreira (2013) que concebe o sertão como um educador.

Palavras-chave: Ser Mais, Sertão Educador, Educação

Introdução

A educação é um movimento. Um movimento que une os homens, mistura, puxa, solta, alarga. A educação é um movimento que constrói, desconstrói e reconstrói. É um movimento contínuo e sempre novo, pois também é de transformação. Educar é, portanto, um movimento de aprendizagem, e a aprendizagem é um movimento de transformação para o novo. Compreender a educação como um movimento é compreender cada momento, cada vivência, cada sopro de vida como uma fonte de aprendizagem, como uma fonte que educa.

É bastante comum o pensamento de que somos educados apenas por nossos pais e familiares ou por nossos professores, dentro das escolas, mas, na verdade, a vida educa e tudo o que dela faz parte também tem algo a nos ensinar.

Para tanto, entendemos que o compromisso do pedagogo é levar os educandos a saírem da posição de apenas repetir e acreditar. É levá-los a se sentirem capazes de



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

superar o comodismo e de realizar transformações em seu cotidiano e, ainda, assumir outra posição, tornando-se mais críticos e participativos.

Gadotti (2002) afirma que a profissão do educador deve abandonar a concepção predominante no século XIX de mera transmissão do saber escolar. O professor não pode ser um mero executor do currículo oficial e a educação já não é mais propriedade da escola, mas de toda a comunidade. Sendo assim, a competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar, mas através das possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender a conviverem e viverem melhor.

Dessa forma, o pedagogo não deve ser apenas um executor de tarefas. É necessário que ele pense nos processos educativos como um todo, bem como nas relações existentes entre educação e sociedade.

É nesta proposição que partimos para o sertão e iniciamos uma pesquisa. Mas ao iniciar uma travessia de pesquisa educacional adentrando no sertão brasileiro, iniciamos simultaneamente uma pesquisa da brasilidade, uma pesquisa daquilo que somos nós, daquilo que realmente nos constitui, pois como bem lembra Ribeiro (2006):

Surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. [...] nessa confluência tem-se um novo modelo de estrutura social. Novo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras. (RIBEIRO, 2006, p. 17).

E é por essa etnia diferenciada, por este novo que nos interessamos e queremos conhecer mais. Conhecemos nossa matriz formadora, mas o que realmente sabemos de nós? O que sabemos de nossa cultura? O que sabemos da cultura e do povo que empurrado sertão adentro desenvolveu práticas educativas que ensinam a viver? E o que estamos dispostos a aprender com eles? Diante dessas questões sentimos ainda maior a necessidade de adentrar numa pesquisa no sertão educador, buscando, a partir de seus elementos constituintes, ensinamentos de uma cultura popular para desnaturalizar, descoisificar e descolonializar nosso ser, e assim *ser mais* conosco e com o mundo.

Bem como a educação e a própria vida, essa pesquisa se deu num movimento, num movimento de ideias a partir de Sertania e em Sertania. A partir de Sertania, pois emergiu dentro do Grupo de Pesquisa Sertania, da Universidade Federal do Rio Grande



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

do Norte, e em Sertania, pois, dentro do grupo de pesquisa, Sertania também é uma concepção que ajuda a pensar a interioridade do ser humano em formação a partir de suas ações cotidianas, suas formas de viver, pensar e conceber a educação e sobretudo a própria vida. É um esforço coletivo para encontrar novos caminhos, novas respostas para os questionamentos ditos e silenciados surgidos ao longo da travessia mundana. É um dar-se conta de si no mundo.

Aspectos metodológicos no enveredamento da pesquisa

No esforço coletivo de dar-se conta de si no mundo, o presente trabalho expõe os resultados iniciais de uma pesquisa bibliográfica que objetiva descrever a possibilidade de *ser mais* com o sertão educador. Para isso nos debruçamos nos escritos de Freire (2005) buscando um melhor entendimento do significado de “ser mais” e nas teorizações de Ferreira (2013) que concebe o sertão como um educador, realizando um mapeamento de indícios de que o sertão realmente educa.

Adotamos em nossa metodologia investigativa o método formulado por Barbosa Jr. (2002), nas suas duas dimensões: na complexificação da consciência e no mergulhar nos aspectos do fenômeno, combinando a leitura, a observação, a reflexão e o exame paciente dos aspectos evidenciados, adotando estratégias, procedimentos, instrumentos de coletas de dados, pois “os instrumentos de coletas de dados, por sua vez, constituem o terceiro momento de nossa pesquisa, uma vez que só a partir da estratégia e do procedimento é que podemos definir um melhor instrumento para realizar a ação refletida” (BARBOSA JR., 2002, p.63).

Essa reflexão se configura muito além do que um simples meio de efetivação de saberes. Para Gomez (1997), refletir a prática implica:

Imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente, [...] em esquemas de pensamento mais genérico ativados pelo



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência. (p.103).

Sendo assim, ao longo da pesquisa, proporciona-se refletir sobre a possibilidade de *ser mais* com o sertão educador de uma forma integrada e significativa para nossa formação, por meio da análise e interpretação de como o sertão educa.

O *ser mais* e o sertão educador, educando homens.

No exame paciente do fenômeno, nos encontramos com Freire (2005 p.83) “como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca pelo *ser mais*”, e também encontramos na expressão “*ser mais*” uma possibilidade que se apresenta ao homem de descoisificar-se, de deixar de ser coisa e voltar a ser humano em sua totalidade mediatizado pelo mundo, pois,

O mundo agora já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação e a incidência da ação transformadora dos homens, de que resulte a sua humanização. (FREIRE, 2005, p. 87)

O mundo agora habita o homem, é o próprio homem, é homem não é mais coisa, é vida, é ser humano.

Também entendemos que a referida expressão propõe a possibilidade de desnaturalização e de descolonialização.

Geralmente, naturalizamos conceitos impostos, verdades construídas e acordadas, sem duvidar ou questionar. Simplesmente aceitamos e naturalizamos tornando tudo natural em nós.

Acordamos viver em uma condição mantenedora e assim mantemos tudo no seu devido lugar: o homem no lugar que deve ser ocupado exclusivamente por ele, a mulher assumindo a postura idealizada para ela, o pobre, miserável no seu lugar de oprimido e submisso, em sua condição de não ser, não existir [...] Aceitamos a ideia que o Brasil é festa, é futebol e litoral. Retiramos da história e da geografia o sertão brasileiro, os sertanejos, e quando geralmente fazemos menção à esse povo invisível é para lembrarmos do choro, do lamento e das mazelas. (BATISTA, 2013, p. 11)

É nessa perspectiva que percebemos a desnaturalização como uma possibilidade de *ser mais*. A desnaturalização é o ato de entender que nem tudo em nossa vida é



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDE DOS SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

natural, é um ato de dar-se conta de si, compreendendo e identificando em seu âmago o que realmente é natural e o que é construído socialmente, para então livrar-se das amarras impostas.

Algo semelhante ao que entendemos por descolonialização, que é um movimento rumo à liberdade interior, é um pensar a partir de si, um livra-se das influências, dominações e opressões exteriores. “Esta vocação para ser mais que não se realiza na inexistência de ter, na indigência, demanda liberdade, possibilidade de decisão, de escolha, de autonomia” (FREIRE, 2003, p.10). Quando descolonializamos nosso interior deixamos de pensar pelos outros e pensamos a partir de nosso próprio pensamento.

Nesse entendimento podemos ser educados e aprender a *ser mais*, e não precisamos para isso de infindáveis conteúdos escolares, nem tampouco de horas de estudos em frente de um computador. O que precisamos é de problematizações, de questionamentos, curiosidade, uma coceira nas ideias (ALVES, 2010, p.20)

Na leitura da tese de doutorado de Ferreira (2013), nossos sentidos foram aguçados a partir da leitura da natureza do sertão;

A natureza do sertão é tudo o que compõe a sua terra, desde as serras, os rios, as lagoas e os vales. A jurema velha, desfolhada, repleta de espinhos pontiagudos, um umbuzeiro verdejante, a braúna frondosa, o mandacaru florido, o canto dos pássaros, a poesia dos sertanejos, a cultura, as mudanças da paisagem, as transformações dos seres vivos mostram-se como símbolos da expressão de uma natureza profunda e complexa. (FERREIRA, 2013, p.32)

Com o sertão descrito e narrado pelo autor, fomos aos poucos sendo educados e percebemos que tudo o que nos era apresentado nos possibilitava seguir caminhos e despertar novos olhares e sentires para *ser mais*.

No mapeamento inicial realizado na referida tese, percebemos que ao contrário do que se possa imaginar o sertão é um lugar de riqueza, e isso é visivelmente constatado a partir do seu bioma, a caatinga, rico em complexidades e subjetividades:

Podemos perceber na caatinga as adversidades de uma natureza que funda a cultura sertaneja, expressando novas manifestações estéticas. Como a natureza estar se reinventando, criando sentidos, os humanos do sertão também estão mostrando outras formas de ser, mesmo quando a vida se encontra nas incertezas e nas contingências. Do



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

mesmo jeito que, a caatinga revela-se na sua diversidade, o sertanejo se mostra de maneira distinta, fundando constantemente uma nova expressão que diz muito de si e do mundo vivido. (FERREIRA, 2013, p.45)

A caatinga revela em sua beleza, rica e diversa, a beleza e a diversidade do próprio sertão, e nos mostra como ela educa seus filhos sertanejos nas incertezas da vida, pois é nesse movimento que acontece a educação, a partir de seus aspectos constituintes:

A educação do sertão se faz pela relação do humano com o mundo vivido, onde os movimentos dos insetos, a mudança da vegetação, os ventos e o comportamento dos animais são sentidos no corpo, percebidos pela sensibilidade e penetrados na compreensão humana com o lugar onde vive. (FERREIRA, 2013, p.52)

A relação com o mundo vivido está diretamente ligada com o *ser mais*, pois aprendemos a *ser mais* com o outro e com o mundo que nos cerca. No sentir ou no viver o mundo aprendemos, e como a aprendizagem é um movimento de mudanças, de construção do novo, modificamos, reinventamos:

A vida no sertão acontece de maneira sensitiva e envolvente. Cada pedaço da terra é um pedaço do sertanejo, e quando ela sofre, os seres vivos sofrem juntos, numa relação de cumplicidade, como os galhos de uma mesma árvore. Viver no sertão é desenvolver uma capacidade inexorável de estar ligado por um elo onde a vida está sempre provocando novas formas de convivências e reinvenção de si mesma. (FERREIRA, 2013, p.54)

Essa relação de cumplicidade com a terra desenvolve no homem uma nova forma de sentir e viver o mundo, e desperta sentimentos únicos, que emergidos nessa configuração possibilitam novas aprendizagens e transformações. Tal aprendizado é construído pela experiência cotidiana, pela observação sensível com outros seres vivos, em seus aspectos mais simples da natureza:

Quando chove, a existência do sertanejo se transforma. Surge nesse período a esperança de dias melhores e floresce na sua vida a satisfação e a alegria. O tempo é de mudança da natureza, e, junto com ela, o sertanejo se modifica, aprende sobre cada movimento da terra, de como deverá fazer para uma melhor plantação e colheita. Esse tempo torna o humano mais extrovertido, perceptivo com o movimento que explode na caatinga e nos outros animais. (FERREIRA, 2013, p.58)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A transformação também pode ser entendida como uma possibilidade, possibilidade de encontro com o novo, ainda que este novo seja a si mesmo. A transformação é também um movimento de enxergar o futuro ao pensar e questionar a história como uma possibilidade,

Pensar a História como possibilidade é reconhecer a educação também como possibilidade. É reconhecer que se ela, a educação, não pode tudo, pode alguma coisa. Sua força, como costume dizer, reside na sua fraqueza. Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia: *Unidade na Diversidade*. (FREIRE, 2001, p. 20)

É esse construir historicamente que continua nos movendo e que nos motiva na busca de continuar nossa pesquisa. Movidos pela possibilidade, num transformar constante, e igualmente mediatizados pelo mundo, com o mundo.

Considerações temporárias

Apontamos aqui os resultados parciais de uma pesquisa que apenas começou em seu enveredar e que terá seus desdobramentos e mudanças a partir do movimento próprio da educação, que propõe a cada nova vivência, novas aprendizagens.

Apesar de estarmos no início da caminhada, apontamentos surgem a cada momento e a cada nova problematização sobre os (des) conhecimentos de nosso povo, da nossa cultura, de nossa educação e daquilo que somos nós. O desafio está posto e continuaremos nesse enveredamento.

No entanto, o que já podemos adiantar é que o Sertão educa a partir do momento em assume o homem como indivíduo único e indivisível da natureza e do lugar em que habita, como o portador de uma historicidade singular, rico de experiências. E assim o homem descoisifica-se, desnaturaliza-se, descolonializa-se ao se descobrir e se estabelecer como sujeito na história. O sertão educa fazendo com que o homem descubra sua capacidade de transformar, percebendo-se como ser inventivo, autor e senhor de sua vontade, e situando-se como um ser social na convivência com outros.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Referências

- ALVES, Rubem. *Conversas Sobre Educação*. Campinas, SP: Verus, 2010.
- BARBOSA JR., Walter Pinheiro. *O Ethos humano e a práxis escolar: dimensões esquecidas em um projeto político Pedagógico*. 203f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2002.
- BATISTA, Elayne Karina Peres. *Educação Andrógina: o equilíbrio entre os princípios feminino e masculino no grande Sertão de Rosa*. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Educação, Natal/ RN, 2012.
- FERREIRA, Gilmar. *O Sertão Educa*. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. 5 ed. Rio de Janeiro: Cortez, 2003.
- GADOTTI, M. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*, SP, Cortez, 2002.
- GOMEZ, A. P. *O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional*. In NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e sua formação*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.